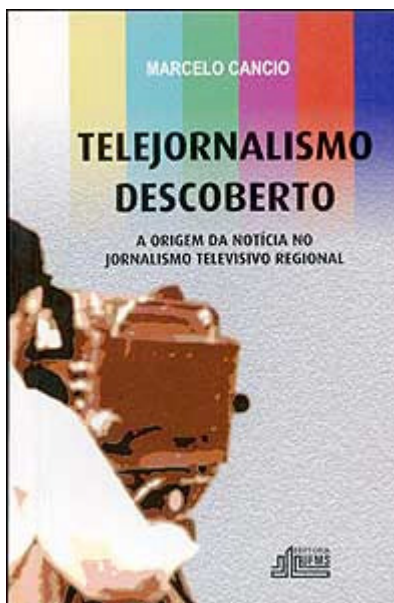


RESENHA

## **A FAVOR DO MELHOR TELEJORNALISMO**

**SILVEIRA, Mauro César**

Doutor em História Ibero-americana pela PUCRS; Professor do  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso  
do Sul; Jornalista  
maurocs@nin.ufsm.br



CANCIO, Marcelo. **Telejornalismo descoberto**: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. 240p.

O telejornalismo sempre foi alvo fácil dos teóricos da Comunicação. Tornou-se lugar comum apontar a superficialidade como uma marca do gênero, praticamente condenado a ocupar o espaço menos nobre entre os diferentes formatos midiáticos. “O telejornalismo em seu fascínio pelo ‘espetáculo do evento’ desconceitualizou a informação, imergindo-a novamente, pouco a pouco, no lodaçal do patético”, decreta o francês Ignácio Ramonet. Nos comandos das redações, também parece imperar uma atávica resignação a esse modelo hegemônico na produção jornalística televisiva em caráter industrial, sobretudo em países que herdaram a fórmula norte-americana, como é o caso do Brasil. Sem meias palavras, o ex-diretor da Central Globo de Jornalismo, Evandro Carlos de Andrade, já sentenciou: “Necessariamente superficial, baseado na imagem. Isso é um telejornal”.

Essas duas visões fatalistas comparecem, sem rodeios, logo no primeiro capítulo do estimulante livro *Telejornalismo descoberto: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional*, do jornalista e professor Marcelo Cancio. A primeira é um exemplo contundente de uma crítica pautada pela desesperança; a outra, uma espécie de aforismo que empurra muitos profissionais para a mais plena acomodação. Nenhuma delas intimida o autor, que, com a perseverança e o talento revelados no exercício do telejornalismo, convida os leitores e leitoras para uma viagem que desvela, paulatinamente, o processo de produção informativa em canais de televisão regionais,

partilhando o sonho de que o quadro pode ser alterado em nome do compromisso social que legitima a profissão de jornalista.

Ao nos conduzir para os objetivos traçados, de forma inequívoca, desde a introdução da obra, Marcelo Cancio conjuga as raras virtudes de um atilado repórter com o rigor metodológico que se exige de um pesquisador acadêmico. Assim, o percurso que ele propõe revela-se uma sólida trajetória no rumo da descoberta da origem da notícia na produção televisiva regional, no caso o universo jornalístico composto por quatro emissoras sediadas em Campo Grande, a capital de Mato Grosso do Sul. Seu plano de vôo parte, com propriedade, dos conceitos de jornalismo e das características da televisão e do jornalismo praticado nesse meio de comunicação. Depois, nos leva aos primórdios da notícia, antes de discorrer sobre os aspectos que configuram a informação jornalística televisiva. Também não deixa de comentar as peculiaridades que cercam a implantação das televisões regionais brasileiras e o desenvolvimento de sua produção noticiosa. A exposição clara e precisa desses temas representa, inegavelmente, uma significativa contribuição para o ensino de jornalismo no país.

Outro mérito evidente do trabalho é o de oferecer um painel histórico das emissoras de televisão de Campo Grande. Valendo-se de escassos documentos, das edições dos diários da época e, principalmente, de depoimentos dos profissionais que acompanharam o início do telejornalismo sul-mato-grossense, Marcelo Cancio recupera a memória das primeiras transmissões noticiosas televisivas da região. Ao enfrentar o desafio de produzir história oral, ele consegue compensar, em parte, a lacuna de registros dos primeiros programas regionais. Com exceção da TV Educativa, nenhuma emissora mantém em seus arquivos os textos, roteiros, pautas ou fitas gravadas dos primeiros telejornais. Entre os muitos achados das entrevistas feitas pelo autor, sobressaem declarações que dimensionam a tragédia vivida pela imprensa durante a ditadura militar, como a do jornalista Pio Lopes: “O noticiário era muito oficial, era ministro, presidente e de vez em quando vinha um cara da polícia federal na redação para entregar uma notificação dizendo que você não pode falar de fulano ou beltrano. Isso eu cansei de receber. Era censura mesmo brava”. No valioso capítulo 4, destaca-se também uma galeria fotográfica dos pioneiros jornalistas de televisão do Estado. Sem dúvida alguma, uma alentada colaboração para o esforço dos pesquisadores reunidos em torno da Rede Alfredo de Carvalho de construir a história do jornalismo brasileiro.

Ao esquadrihar o telejornalismo da região, Marcelo Cancio não esconde que a situação é sombria. “Todas as emissoras de TV de Campo Grande já produziram e apresentaram mais programas regionais de informação e entretenimento”, constata. “Atualmente, a produção local é muito reduzida e não chega a atingir nem mesmo o

percentual exigido por lei”, refere-se ele ao Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, que estabelece “um mínimo de 5% (cinco por cento) do horário de sua programação diária à transmissão de serviço noticioso”. Outro dado alarmante é a redução do quadro funcional das emissoras, sintetizado em desabafo revelador de uma chefia de jornalismo ouvida pelo autor: “Os departamentos de telejornalismo ainda sofrem com a falta de pessoal. É necessário dispor de pessoas exclusivas para procurar informações novas”. São condições que devem explicar, em alto grau, alguns dos resultados mais inquietantes da pesquisa. Os repórteres, por exemplo, estão praticamente fora do processo de produção da informação, dominado pelos pauteiros. Na TV Educativa, por exemplo, nenhuma matéria foi sugerida por repórter na semana que Marcelo Cancio acompanhou os quatro principais telejornais de Campo Grande.

No desvelamento do telejornalismo regional, igualmente chama a atenção que o principal assunto abordado seja a política, invariavelmente restrita a governantes e parlamentares. No período examinado, entre 17 e 21 de setembro de 2001, a área de educação ocupou míseros 25 segundos das mais de 7 (sete) horas de noticiário transmitidas naquela semana. Não surpreende, portanto, que o principal objetivo perseguido pelo autor, a origem das notícias, fique confinada às informações disponíveis pelas fontes, a maioria delas oficiais. Sem tergiversar, ele resume o quadro atual: “É um telejornalismo que pouco descobre e raramente pesquisa e investiga notícias. Descubrem-se poucos assuntos não disponíveis para divulgação. A utilização de informações de assessorias, de *sites* e de *releases* chegou a quase 60% do que é transmitido pelos telejornais”. As assessorias mais utilizadas são, naturalmente, as que atendem ao poder, pela ordem, a da Polícia Militar, do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Campo Grande. Pior: o material informativo oriundo das fontes oficiais é aproveitado, em sua maior parte, na íntegra, como apontou um levantamento da própria Assessoria de Comunicação da Polícia Militar.

Se o conteúdo mostra-se, em boa parcela, comprometido, a forma denuncia a homogeneização imposta pela Rede Globo. “Os formatos apresentados pelos telejornais de MS confirmaram a estrutura que se estabeleceu no país”, ressalta Marcelo Cancio. “Todos os telejornais do estado têm, na verdade, a mesma forma de apresentação”. Mas nenhuma deficiência foi capaz de esmorecer o pesquisador. Com os dados sistematizados e analisados, ele ainda procurou os colegas para colher novos depoimentos. Ouviu relatos sobre o comodismo de alguns profissionais, mas as maiores queixas recaíram sobre a falta de pessoal, como observou uma pauteira: “Não adianta só tecnologia - *fax*, computador, *Internet*. É necessário mais gente para pensar”. De sua parte, o autor não se exime da responsabilidade daqueles que formam os

jornalistas brasileiros: “Os cursos de jornalismo também necessitam refletir mais sobre esses problemas, para poder repassar aos alunos uma visão menos tecnicista, que apenas reproduz as ações viciadas do mercado. É preciso capacitar os estudantes, que futuramente vão estar no mercado, com conhecimentos mais amplos a respeito da importância das notícias e a função social que o jornalismo que representa para a sociedade”. Sem abrir mão da esperança, suas palavras imaginam outro futuro, a favor do melhor telejornalismo.